

David Vygódski e o “Tartarin de Lisboa”

Bruno B. Gomide¹

As dezenas de resenhas publicadas por David Vygódski em Gómel e Petrogrado-Leningrado entre 1911 e 1938, quando foi preso, tratam quase sempre de temas comparativos.² Raramente ele confronta os grandes livros das tradições literárias europeia e russa, embora os conhecesse bem, embasado em uma profunda erudição formada em leituras e em sólidos estudos universitários. Seu olhar prefere deter-se em temas relativamente periféricos, em regiões e autores ainda pouco estudados. Como acontece com a maioria de suas resenhas, um texto breve permite revelar múltiplas camadas da vida intelectual russa a partir de um caminho peculiar, uma geografia cultural especificamente vygodskiana. Um bom exemplo é o artigo intitulado “Um Tartarin de Lisboa (notas sobre a Rússia soviética)”, publicado na *Krásnaia Gazieta* de 6 de novembro de 1928.

O cenário, nesse caso, é Portugal, situado na margem ocidental da Europa, da qual a Rússia constitui o antípoda oriental. Prato-cheio, portanto, para um comentário sobre desencontros culturais. A resenha se detém inicialmente sobre os erros crassos cometidos por um texto publicado na revista *Ilustração* a respeito do centenário de nascimento de Tolstói.³ Embora risíveis e indicadores do nível precário da comunicação entre os dois países, eles seriam menos graves do que aqueles presentes no livro que é o verdadeiro objeto da resenha: *Crônicas da Rússia dos Soviets* (Lisboa: Gráfica, 1927), de Herlander Ribeiro. A obra é fruto da viagem realizada pelo autor em agosto de 1926. Os artigos que desembocaram no livro foram publicados originalmente no *Diário de Lisboa* entre agosto daquele ano e janeiro de 1927. Vygódski resenhou o livro em novembro de 1928, pouco mais de um ano após a sua aparição em Portugal. Os títulos das obras de Ribeiro indicam que ele era um viajante consumado, ou no mínimo que tinha um pendor para o nomadismo: *Quadros de Viagens* (1928), *Alma Judia* (1929) e

¹ Professor de literatura russa na Universidade de São Paulo. A pesquisa nos arquivos de David Vygódski, em janeiro e fevereiro de 2013, com o objetivo de reunir os artigos jornalísticos do crítico russo, foi feita com financiamento do CNPq e da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da USP, a quem agradeço pela ajuda. E-mail: bgomide@hotmail.com.

² Sobre Vygódski, conferir os artigos: Bruno Gomide, “David Vygódski: a Voz Solitária de uma Biblioteca”. *Kinoruss*, nº 3, 2012; e Bruno Gomide, “David Vygódski e um Conto Cinematográfico”. *Kinoruss*, nº 4, 2013 (no prelo).

³ A efeméride também foi celebrada no Brasil. Sobre a difusão da imagem de Tolstói, ver Bruno Gomide, *Da Estepe à Caatinga: o Romance Russo no Brasil (1887-1936)*. São Paulo: Edusp, 2011. A *Ilustração* foi uma revista de Lisboa existente entre janeiro de 1926 e dezembro de 1936.

Alma Chinesa (1950), além de outros trabalhos com temas russos (*Rússia Bolchevista*, 1928;⁴ *A Rússia: Estudos Históricos*, 1941) e uma série de textos sobre advocacia, sua profissão.⁵

À primeira vista, e não fossem as divergências ideológicas e intelectuais, seria um espírito afim ao de Vygódski, um grande viajante que nunca viajou. Ele assentou-se na tradição – também nesse particular tendo em Púchkin um predecessor ilustre? – de cosmopolita que jamais saiu do país, entendendo-se “país” como, para Púchkin e o bielo-russo Vygódski, o Império Russo em toda a sua vastidão multiétnica e diversidade geográfica. As viagens literárias substituíram as físicas: suas resenhas, sobretudo as primeiras, conferem atenção especial a narrativas marcadas por aventuras, fugas e deslocamentos inesperados.

Apesar da crítica contundente de Vygódski, o texto de Herlander Ribeiro chama a atenção por pelo menos um aspecto: a relativa precocidade da expedição à URSS em meados da década de 1920, anterior inclusive à famosa incursão de Walter Benjamin e à legião de relatos similares na virada dos anos 20 para os 30, dentre os quais a viagem de Tarsila do Amaral e Osório César, em 1931, quando encontrarão o próprio Vygódski e encetarão correspondência com ele.

As crônicas de Ribeiro são, portanto, ótimos exemplares do microgênero de viagens para verificação *in loco* do experimento soviético, mas pertencem igualmente ao gênero maior e mais antigo das viagens à Rússia. O percurso de Herlander Ribeiro começa a ser publicado no dia 19 de agosto, em uma seção que traz o singelo título “O desejo de ver a Rússia”. Inúmeros intelectuais e artistas manifestaram vontade similar ao longo dos tempos, de Rilke a Vicente Licínio Cardoso. A proposta de Ribeiro vem carregada nas tintas apocalípticas, e não desprovida de certa animosidade diante dos vizinhos argentinos que viajavam no mesmo barco que ele, junto com brasileiros, uruguaios e chilenos:

O *Diário de Lisboa* terá umas crônicas que serão o filme da vida russa: verdade, ciência certa, inspeção serena; o “soviet” é hoje um personagem meio lendário, criado pela invenção de muitos, banhado em

⁴ Este talvez seja o livro a que Vygódski ironicamente se refere no final da resenha.

⁵ O texto de Herlander Ribeiro pode ser lido na seção “Estrangeiro” do *Diário de Lisboa* em: http://www.fmsoares.pt/diario_de_lisboa/ano (acesso verificado em 10 de maio de 2013), nos dias 19, 24 e 31 de agosto; 4, 6, 13, 16, 20, 22, 23, 24, 27 de setembro; 1^o, 8, 19 de outubro; 1^o, 4, 6, 9, 11, 17, 19, 20, 27 de novembro; 10, 13, 16, 22, 27 de dezembro (de 1926); 22 de janeiro de 1927. São 30 textos, 12 a menos do que o número citado por Vygódski. Provavelmente o livro contém artigos que não foram publicados no jornal.

sangue, como a Praça Vermelha de Moscou; depois das tranqüilas Suécia, Noruega e Dinamarca, conto entrar na fogueira russa: das labaredas da terra do gelo, seguirão também cartas; vejo a Rússia, nas cores rubras dos cravos dos mantons, que parecem esconder as carnes dos argentinos e temo que o fogo dos “soviets” chegue à América do Sul, juncando como de braçados de cravos, ora bordados, e fazendo arder uma raça, que hoje vem à Europa comprar alegria, como se a possa obter somente o ouro!

O começo do relato de Herlander, antecipando ansiosamente no navio as perturbações que decerto virão no país vermelho, parece uma paráfrase do relato de viagem do Marquês de Custine, *A Rússia em 1839*, texto-matriz das visões europeias sobre a Rússia durante boa parte do século XIX (e reconfigurado após 1917). A Rússia mística, meio comunista, meio dostoiévskiana, hidra e Graal, país dos mistérios, sede da inefável “alma russa” ou da “charada embrulhada em um enigma” de Churchill. Há uma bibliografia vastíssima sobre esses clichês, permanentemente estudados e retificados pelo comparativismo consciencioso.⁶ Contudo, não devemos descartar sumariamente o relato de Ribeiro. Como em outros textos dessa natureza, ele é uma mistura de preconceitos e observações interessantes, de antissovietismo e comentários favoráveis ao regime. O tom também é o habitual do gênero, alternando passagens mais estatísticas e “objetivas” e outras de pura fofoca, entremeadas de retórica patética. Sintomaticamente, e talvez por motivos políticos, Vygódski não cita os trechos mais virulentos do livro de Ribeiro – por exemplo, a quadra clássica, presente na maioria das narrativas do gênero, composta pelo horror das prisões, a miséria dos asilos, a mendicância das crianças russas e a perseguição religiosa, cada uma a gerar um artigo altissonante.

Para desqualificar o interlocutor, Vygódski recorre não a Custine, mas a outro francês: o personagem de Alphonse Daudet, protagonista do famoso romance de 1872. Tartarin sonha com aventuras fantásticas em sua pacata Tarascon provençal, até que chega o dia de realizar uma viagem de fato, na procura por um objetivo improvável – leões na Argélia, país enxergado pelo personagem como um “oriente” exótico e imprevisível, no qual ele vê apenas o que quer ver. Acaba sendo um viajante de fancaria, um aventureiro ingênuo, facilmente enganado. Esse Tartarin-Ribeiro é uma das muitas figurações da viagem e do viajante que Vygódski apresentará no transcurso da vida. A analogia sugere que o português erra nos dois sentidos da palavra: é um mau

⁶ Sobre o tema, ver o livro de Boris Schnaiderman, *Projeções: Rússia/Brasil/Itália*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

viajante, um intermediário fajuto, fracassado no trabalho sumamente importante de construção de mediações culturais. Desde o início de sua atividade de crítico, Vygódski está buscando outro tipo de viajante, capaz de traduzir e apresentar culturas, especialmente aquelas localizadas nas margens, com mais veracidade e eficácia. Nesta resenha de 1928, e progressivamente ao longo do decênio final de Vygódski, isso passará pela adoção de uma ideologia pró-soviética mais acentuada. A resenha, afinal, é publicada no mês seguinte ao do lançamento do primeiro plano quinquenal, com toda a leva de entusiasmo e arregimentação que ele provoca, consumando um adeus à disponibilidade estilo soviético. O tom mais incisivo de Vygódski, raiando o doutrinário, está marcado por essa ambiência, na qual despontam termos de futuro nefasto, como “nosso inimigo”. Ainda são necessárias pesquisas nos acervos de Vygódski para que se possa aquilatar a sua relação com o poder e a cultura soviética. Todavia, parece precário pensar nele apenas a partir do velho esquema historiográfico sobre intelectuais “puros” que vão paulatinamente se rendendo, mediante coerção, aos ditames do dogmatismo soviético. De modo provisório, talvez o mais produtivo seja indicar a típica fusão vygodskiana de linguagens, em que se mesclam o viés comparatista, combativo das precariedades dos contatos culturais, e diversos discursos gerados pelas novas linguagens soviéticas.

1928 é também um ano em que Vygódski passa a lidar de modo mais detido e oficial com questões do mundo ibero-americano. Sua correspondência com intelectuais daquelas regiões começará em 1927 e incluirá, entre setembro de 1929 e agosto de 1930, a troca de cartas com uma compatriota de Herlander Ribeiro, a jovem pintora Laura Costa, estudante de belas-artes no Porto. Leitora de Tolstói e Dostoiévski, ela solicita informações sobre a literatura e o cinema soviético, pede livros infantis russos ilustrados e, em retribuição, envia materiais portugueses, entre os quais Antero de Quental. Em certo momento, ela escreve: “Seria para mim um grande prazer trocar impressões com uma pessoa que habitasse Leningrado. O seu país é para mim tão longínquo! Gostaria muito de esclarecer consigo as muitas dúvidas que tenho sobre a vida na U.R.S.S.”.⁷ O desencontro entre Herlander Ribeiro e David Vygódski é mais um capítulo dessa história.

1. Tradução

⁷ As cartas entre Laura Costa e Vygódski constam de um livro em preparação por Bruno Gomide, provisoriamente intitulado *David Vygódski: a Correspondência Ibero-Americana*.

Toda a Europa comemorou o aniversário de Tolstói. Os portugueses também vivem na Europa e não gostam de ficar à parte. Na “revista portuguesa de maior circulação” (assim consta da capa), eles botaram um retrato de Tolstói com uma legenda muito comovente, que começa assim: “O eremita de Társkoe Seló...”. S, *Ilustração*, 1 de outubro de 1928. Na língua portuguesa não há o som “tz”, e para um português é difícil escrever “Tzárskoe”. O português tinha o direito, do ponto de vista histórico, de chamar Diétskoe Seló de Tzárskoe, contudo, nem um nem o outro fato lhe dá o direito do substituir “Iásnaia Poliana”, conhecidíssima em toda a Europa, por “Társkoe Seló”.⁸ O caso aqui foi simplesmente de leviandade e de ignorância despuorada por parte do jornalista.

Nosso bem-intencionado leitor talvez tenda a esclarecer que se trata de um equívoco ocasional e a vê-lo como um fato pitoresco. Infelizmente, a coisa não é bem assim. O melhor indicador disso é o livro que temos conosco, escrito por Herlander Ribeiro e intitulado *Crônicas da Rússia dos Soviets*, publicado há um ano em Lisboa.

Ribeiro há muito tempo ansiava ver a Rússia, o “país da arte, do sofrimento e da grandeza”, e três anos atrás ele pôde, afinal, realizar o seu sonho: o *Diário de Lisboa* o enviou como correspondente no Cap Polonio,⁹ e ele, juntamente com outros estrangeiros, passou cinco dias em Leningrado e Moscou. Nesses cinco dias, logrou escrever para o jornal 42 (!) informes. Para que as linhas preciosas não se perdessem jornal adentro e desaparecessem para a posteridade, ele as reuniu em um volume, o primeiro – salvo engano – livro português sobre a Rússia soviética.

Ribeiro não comete semelhantes erros com a biografia de Tolstói como o faz seu colega (ele até, aliás, registra a “Esnaia” Poliana na qual Tolstói viveu), mas provavelmente isso acontece apenas porque ele decidiu não mencionar o seu encontro com Tolstói. Em compensação, ele está informado com precisão sobre a morte de Grichka Raspointin (!). Sabe com exatidão que Grichka Raspointin vivia em Villarod, e que “todas as mulheres russas choraram a sua morte, e a grande princesa e dama-de-honra, a madame Vyrubova, suicidou-se no túmulo de Raspointin e legou uma lápide com a inscrição: ‘aqui jaz uma mulher que amou Raspointin mais do que tudo’”.

⁸ Társkoe Seló é uma versão estropiada de Tzárskoe Seló (“aldeia do czar”), localidade próxima a Petersburgo onde os czares tinham seu palácio de verão. Diétskoe Seló (“aldeia das crianças”) é o nome dado ao mesmo lugar após a Revolução Russa. Iásnaia Poliana é a fazenda de Tolstói, na região de Tula. Ou seja: o texto de *Ilustração* confundiu a histórica propriedade de Tolstói com a dos czares, e ainda escreveu o nome de modo truncado. Observo que acentuei a transliteração, embora o texto original, a que não tive acesso, provavelmente não colocou os acentos.

⁹ Transatlântico de origem alemã, depois colocado a serviço de diversas companhias europeias.

Não sabemos se a, felizmente, saudável Vyrubova já protestou contra essas invencionices. Porém, feito um mentiroso contumaz, temeroso de que ninguém lhe acredite, o Tartarin lisboeta encerra sua narrativa sobre a madame Vyrubova com o seguinte epílogo: “Passado algum tempo, segundo uma decisão judicial cumprida a partir de um protesto do marido da grande princesa, essa curiosa inscrição foi destruída” (p. 162). Será duro verificar!

Ribeiro vale-se desse procedimento mais de uma vez. Por exemplo, ele quer ver aquilo que não é mostrado aos estrangeiros: pediu que o tradutor lhe traduzisse em russo algumas perguntas: “Sua profissão?”; “Você é feliz?”; “O poder soviético o satisfaz?”. Ele entregou à socapa uma folha com essas perguntas para um velhinho. Este lhe respondeu que ganhava 25 rublos por semana, que era infeliz, pois se sentia velho, que o comunismo em tese é ótimo, mas “os indivíduos do meu país o estragam”. E novamente o epílogo: o velhinho se assustou com a própria audácia e... queimou o documento comprometedor. Acredite quem quiser.

Contudo, o autor nem sempre consegue acobertar-se desse modo. Eis como ele descreve a “manhã fatal de 24 de setembro de 1917”¹⁰ usando as palavras de uma testemunha ocular, Andrei, um criado do czar. O fato ocorreu no Palácio de Inverno.

O tiroteio começou de manhã. Todas as sentinelas foram mortas. Uma parte da vigilância palaciana passou para o lado dos inimigos. Subitamente escancaram-se as portas dos quartos dos imperadores e entram os revolucionários. Eles estão cobertos de poeira e sangue. Nicolau II está em seu gabinete de trabalho escondendo fotografias de família. Os filhos estão reunidos perto da escrivaninha, chorando. A czarina segura nos braços o filho mais novo. Todos fugiram, somente Andrei permanece de joelhos perante seus senhores...¹¹

Que quadro comovente e grandioso, e como não crer nele, já que é contado por uma testemunha, a única desta cena histórica. O leitor das cartas da Rússia recebe muitas dessas informações instrutivas. Ele aprenderá que o Krêmlin moscovita foi construído em 1736 (isso aconteceu depois da morte de Pedro, o Grande) por um alemão, o arquiteto Rurad, e que atualmente o Krêmlin é vigiado por um destacamento de 12.000 homens. Que no Krêmlin reúne-se o governo encabeçado por V. S. Ralinin,

¹⁰ Aqui o texto de Vygódski diz “setembro”, porém a reportagem de Ribeiro indica (corretamente) “outubro”. Pelo visto, o próprio resenhista não estava imune a erros.

¹¹ O trecho de Herlander Ribeiro está na crônica “Como Foi Morto o Czar Nicolau II segundo um Seu Velho Criado”, do dia 6 de setembro de 1926.

que no Krêmlin há um monumento a Ralief, o qual matou Aleksándrovitch, governador-geral de Moscou.

Que Raspontin seja Raspútin é provável que o leitor adivinhe. Talvez adivinhe que V. S. Ralinin é M. I. Kálínin, mas não podemos exigir dele que em Aleksándrovitch ele reconheça o grande príncipe Serguei Aleksándrovitch, e em seu assassino, Kaliáiev. Mesmo um leitor russo ficará embatucado ao ler esse livro.

Seria talvez curioso narrar mais uma dezena de gracinhas similares que pululam em cada página do livro, mas para esse fim seria preciso transcrever uma boa metade dele, pois, segundo o prefácio, “foi escrito com sincera veracidade”.

Com a fatuidade de um escrevinhador rematado e a inigualável impertinência que só uma testemunha há de ter, o jornalista português lida com absolutamente tudo nas 200 páginas do livro. Tchitchérin e as três viúvas de Essiénin, o balé e o código criminal, o mausoléu de Lênin e o Hermitage, a música e a eletrificação, a educação popular e o Exército Vermelho, a propaganda antirreligiosa e a aptidão das russas para o amor – tudo isso, de modo indiferente, interessa ao português curiosíssimo. A propósito de tudo, em cinco dias, ele coletou as informações mais precisas, originais e estupendas. Elas são corroboradas por testemunhos confiáveis e por pesquisas nas páginas do *Pravda* e da *Voz Trabalhadora da Abkházia*, por conversas com Lunatchárski e com o pope russo em Hamburgo, pela perspicácia totalmente excepcional do autor, que lhe permite, com uma olhadela, ver o âmago das coisas.

Não podemos nem chamar o livro de Ribeiro de perverso e dizer que ele seja contra a URSS. Nesse sentido, se for incluído na série de panfletos mal-intencionados contra a URSS criados pela Europa burguesa, o autor português não merece a menor atenção. Ele é típico por outro motivo: fornece um testemunho renovado daquela ignorância escandalosa existente na Europa a respeito do nosso país, daquele analfabetismo que a Europa ainda não soube eliminar durante 11 anos de interesse excepcional por nós. O próprio aparecimento desse livro indica que é possível escrever sobre a Rússia o que se quiser. Que um filisteu sabe de tudo, não se espanta com nada e não se indigna com nada.

Ribeiro não é nosso inimigo, apesar de todos os seus ataques e investidas. Ele é apenas um filisteu ignorante igualzinho àqueles para os quais escreve. É um jornalista que tomou por tema a Rússia, entendida como um país “obscuro”, misterioso, sobre o qual se pode compor qualquer fábula. Seu interesse pela Rússia é o de um polígrafo. Não terá sido em vão que neste ano ele novamente nos agraciou com sua visita no

mesmo Cap Polonio. Ainda não sabemos quais informações ele levou da URSS desta vez, mas o seu livro ele já trouxe.

Nosso principal inimigo não é Ribeiro, nem as dezenas de tais Tartarins europeus, e sim a ignorância, o obscurantismo, as trevas que até hoje na Europa envolvem tudo o que nos diz respeito. Se a Europa não tiver forças para tal, nós devemos ajudá-la a eliminar esse analfabetismo.

Referências bibliográficas

Daudet, Alphonse. *Tartarin de Tarascon*. São Paulo: CosacNaify, 2013.

Gomide, Bruno. *Da Estepe à Caatinga: O Romance Russo no Brasil (1887-1936)*. São Paulo: Edusp, 2011.

Vygóski, David. “Tartaren iz Lissabona (Zapíski o Soviétskoi Rossí)”. In: *Krásnaia Gazieta*, 6/11/1928.